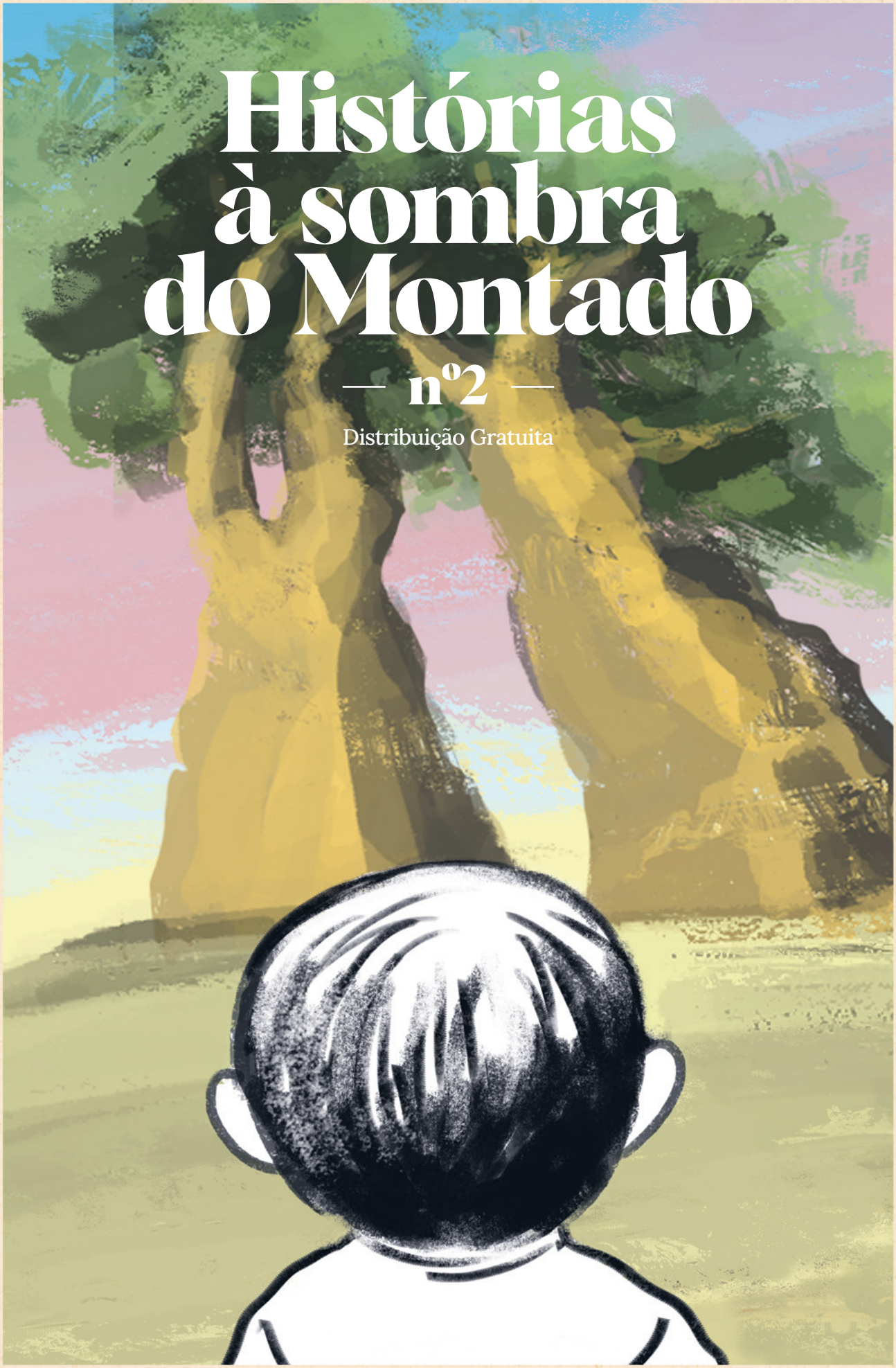
Histórias à sombra do Montado

— nº2 —

Distribuição Gratuita





“Quem se preocupa com os netos planta um sobreiro”

Ditado popular

Caraterizado por um pontuado de sobreiros e azinheiras sobre pastagens e pousios nas planícies onduladas, o Montado é hoje a paisagem que simboliza o Alentejo, marcando também a cultura, os ciclos de trabalho e a economia local.

A floresta e o Montado de sobreiro e/ou azinheira são dos ecossistemas mais ricos do mundo e Portugal tem a maior área a nível mundial (concentra 34% da área mundial, num total de 736 mil hectares que correspondem a 23% da floresta nacional).

O Montado de sobro é uma verdadeira reserva de biodiversidade natural, incluindo fauna selvagem e flora diversa de características únicas.

Para além da produção de cortiça, de lenha e bolota, apresenta também capacidade de sustentar outras atividades económicas com importância regional e local, nomeadamente a criação de carne de qualidade e de leite, enquanto bases da indústria agroalimentar, a apicultura, a recolha de cogumelos e de plantas aromáticas e medicinais, a caça, e as atividades turísticas (turismo de natureza, turismo rural e ecoturismo).

Acresce ainda o seu papel estratégico no equilíbrio ambiental, nomeadamente na conservação dos solos, regulação hidrológica e sequestro de carbono.

Apesar da Assembleia da República ter reconhecido em 2011 o sobreiro como árvore nacional, de ser uma espécie protegida desde 2001, e de estar a pouco tempo de ser considerado paisagem cultural da humanidade pela UNESCO, o Montado de sobro encontra-se atualmente em declínio.

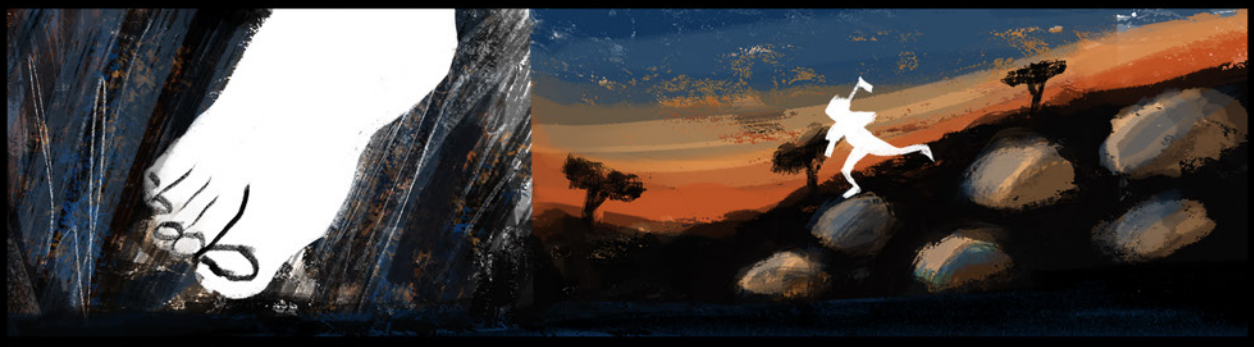
A investigação que tem sido realizada tem concluído que as causas da mortalidade residem num conjunto de factores, muitos deles originados pela ação humana, como as más práticas agrícolas realizadas em algumas explorações, que deixam as árvores mais suscetíveis às doenças. O stress hídrico provocado por períodos de seca ou pluviosidade anormal também favorecem a propagação de doenças.

Desta forma, pretendeu-se criar um projecto que preste a merecida homenagem ao sobreiro e ao Montado de sobro, reforçando sentimentos de identidade e pertença que atravessam múltiplas gerações e, simultaneamente, possa contribuir para disseminar um conjunto de boas práticas para a preservação do Montado que podem ser implementadas e partilhadas por todos.

O NINHO DO PINTASSILGO

HISTÓRIA: FILIPA MARTINS
DESENHO: PATRÍCIA GUIMARÃES

PORTUGAL, ANOS 60








MÉÉÉÉÉ
PRESSENTIU OS LOBOS OU UMA RAPOSA.
ONDE, ONDE?


ANDAM COM FOME, NUNCA SE APROXIMAM TANTO DA ALDEIA.
MAS COM A CONSTRUÇÃO DA BARRAGEM, A CAÇA FUGIU. SE UM DIA TE APARECER UM LOBO À FRENTE, NÃO CORRAS, NÃO VIRES A CARA, NUNCA SE VIRA A CARA A UM LOBO.
1
ENTÃO, MANEL.
É O JOSÉ. O MEU NETO. FEZ NOVE.
VALENTE O MOÇO. É DE ARREAR.
DIZEM QUE JÁ TENS IDADE E FORÇA PARA O TRABALHO!
NÃO, NÃO! TENS DE TER A MÃO BEM AFINADA. TEM DE SER A MACHADADA CERTA, PARA CORTAR A CORTIÇA E NÃO MAGOAR A ÁRVORE.


FALAR É DEPOIS DA MISSA. HÁ CHATICE? O RAPAZ VEM TRABALHAR OU VEM ATRAPALHAR?
VEM TRABALHAR, SENHOR.
ÀS VEZES, TAMBÉM TERÁS DE VIRAR AS COSTAS AOS LOBOS... AFINAL
ESTA É A MARIA MADALENA. TEM 25 ANOS. ESTÁ PRONTA PARA A DESBOIA. PELA PRIMEIRA VEZ, VAI DAR CORTIÇA.
ESTAS SÃO O EUSÉBIO E A AMÁLIA. JÁ REPARASTE QUE PARECEM UM CASAL, AGARRADOS AO MESMO TRONCO?
PORQUE É QUE DÁS NOMES DE PESSOAS ÀS ÁRVORES, AVÔ?


PORQUE JÁ AS CONHEÇO HÁ MUITOS ANOS. DESDE QUE TINHA A TUA IDADE. O EUSÉBIO E A AMÁLIA... A PRIMEIRA ÁRVORE QUE DESBOIEI HÁ 43 ANOS.
ONDE É QUE ELE ESTÁ, ONDE É QUE ELE ESTÁ?
AQUI ESTÁ ELE. SOBE, MAS EM SILÊNCIO.
CHIU! SE A ASSUSTAS ELA PODE ABANDONAR OS FILHOTES. FAZ SEMPRE O NINHO NESTA ÁRVORE.
PORQUE, HÁ TRÊS VERÕES, FERIU A ASA. CUIDEI DELA E PUS-LHE UMA ANILHA VERMELHA. ESTÁS A VER?
COMO É QUE SABES?
SIM
UAU!
DESCE COM CUIDADO!
LOBO!LOBO!!


NÃO CORRAS, ZÉ! NÃO CORRAS! AFASTA-TE DEVAGAR.
AVÔ!!


RATATATATA, VRUUMMM, RATATATA!!
COLOQUEM AS FERRAMENTAS NO MONTE! COLOQUEM AS FERRAMENTAS NO MONTE!




PROCURAM O SÍTIO PARA FAZER O NINHO. ANTES O RIO ALIMENTAVA OS ANIMAIS, AGORA ALIMENTA OS CABOS ELÉTRICOS.






ESTÁ A VOAR EM CÍRCULOS, ESTÁ À PROCURA DE SÍTIO PARA FAZER O NINHO.


DEPOIS DO ABATE DAS ÁRVORES E DA BARRAGEM, NÃO SABE PARA ONDE IR...


ANOS MAIS TARDE...




ANDA VER, MARIANA. JÁ PÔS OS OVOS.

FOI NO SOBREIRO VELHO, NO CIMO DA COLINA, QUE O RAPAZ CONHECEU O VELHO. ANTES, SÓ O VIRA DE PASSAGEM.

BELO FOGO

HISTÓRIA:
AFONSO REIS CABRAL

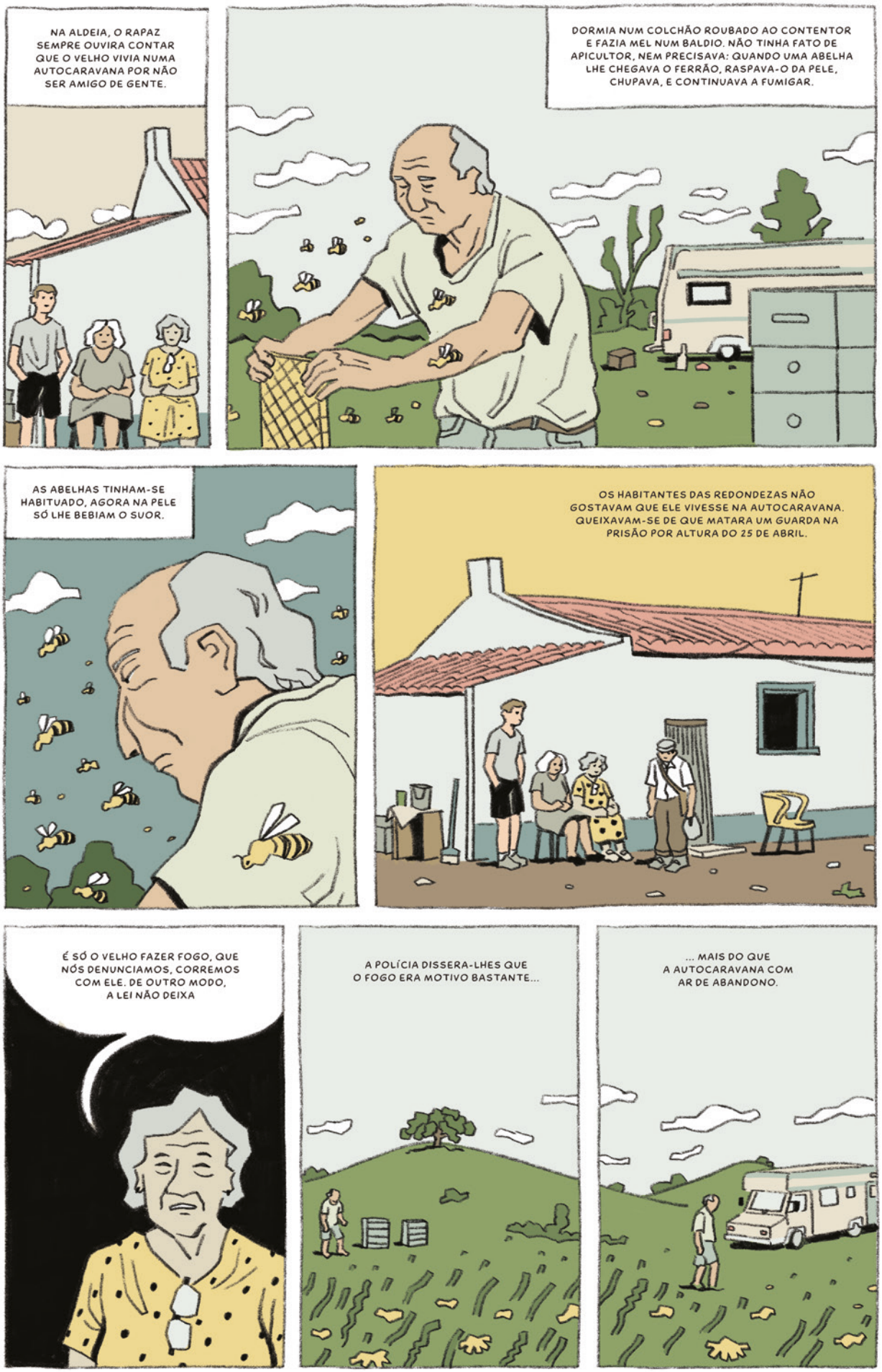
DESENHO:
BERNARDO MAJER

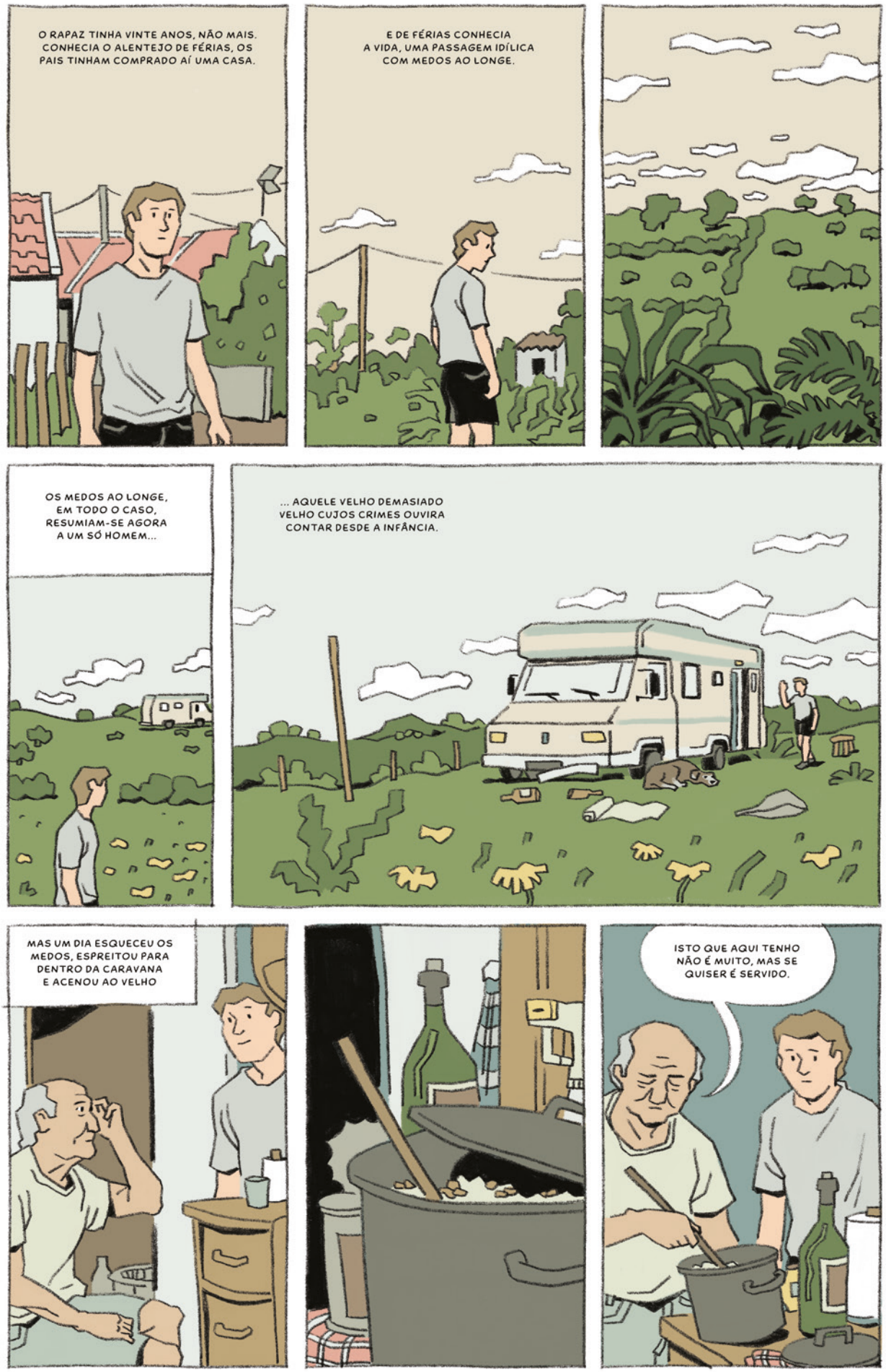
O VELHO NASCERA EM 1925, ERA MAGRO COMO O RAFEIRO QUE ALIMENTAVA A RESTOS.

DIZIAM QUE ERA MAIS BÊBADO DO QUE MAGRO, POR VEZES MAIS CÃO DO QUE BÊBADO.

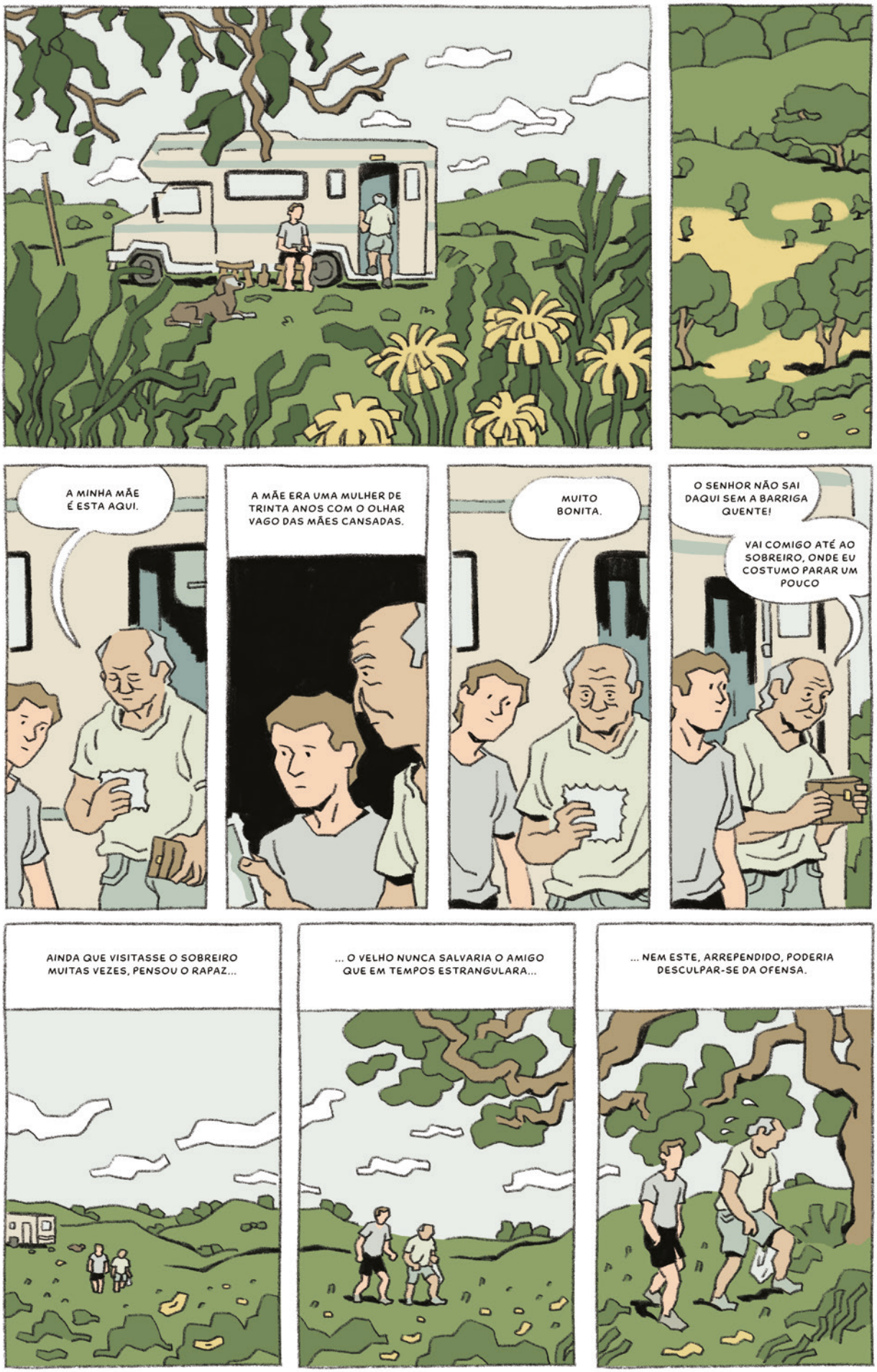
DIZIAM TAMBÉM QUE ACABARA ASSIM, VELHO E SÓ, PORQUE, QUANDO TINHA DEZ ANOS, FORA OFENDIDO POR UM RAPAZ DA MESMA IDADE.


NESSE TEMPO, IAM OS DOIS BRINCAR PARA A ESTRADA, BEM LONGE DO POVOADO. ERAM AMIGOS. MAS UM DIA, QUANDO CAMINHAVAM PELOS SÍTIOS DO COSTUME, LÁ PERTO DO SOBREIRO POR ESSA ALTURA JÁ VELHO
... O AMIGO DISSE-LHE QUE A SUA MÃE ERA LINDA, CHEIRAVA A FENO MOLHADO E TRABALHAVA OS CAMPOS COMO UM PÁSSARO.
CONTUDO, ERA UMA PUTA.
ELE, QUE AOS DEZ ANOS NÃO BEBIA NEM TINHA UM CÃO, ELE, QUE AOS DEZ ANOS ERA SÓ UMA CRIANÇA DE DEZ ANOS...
... CALOU A OFENSA DO AMIGO AGARRANDO-O PELO COLARINHO, ARRASTANDO-O COLINA ACIMA E ENCOSTANDO-O AO SOBREIRO.
DEPOIS AGARROU-LHE O PESCOÇO COM AS MÃOS, E EIS O OUTRO SEM AR, SEM TEMPO PARA RETIRAR O INSULTO.
EIS O OUTRO MORTO.
A MÃE ERA TUDO O QUE O AMIGO MORTO DISSERA, MENOS PUTA: ERA LINDA, CHEIRAVA A FENO MOLHADO E TRABALHAVA OS CAMPOS COMO UM PÁSSARO. MAS JÁ NÃO CONSEGUIA VER O FILHO SEM PENSAR NA CRIANÇA ESGANADA AOS PÉS DO SOBREIRO.
DEIXOU O FILHO A UMA IRMÃ, DEPOIS A UMA PRIMA, DEPOIS A UMA CONHECIDA. DEPOIS NÃO SABE A QUEM. FORAM-SE OS ANOS E TEVE UM NOVO FILHO QUE NÃO ESGANAVA OS DAS OUTRAS.
MAIS TARDE, OUVIU DIZER QUE O FILHO ESTRANGULADOR ANDARA PELOS REFORMATÓRIOS DE LISBOA ANTES DE O TEREM METIDO NA CADEIA. TUDO ISTO PASSOU.

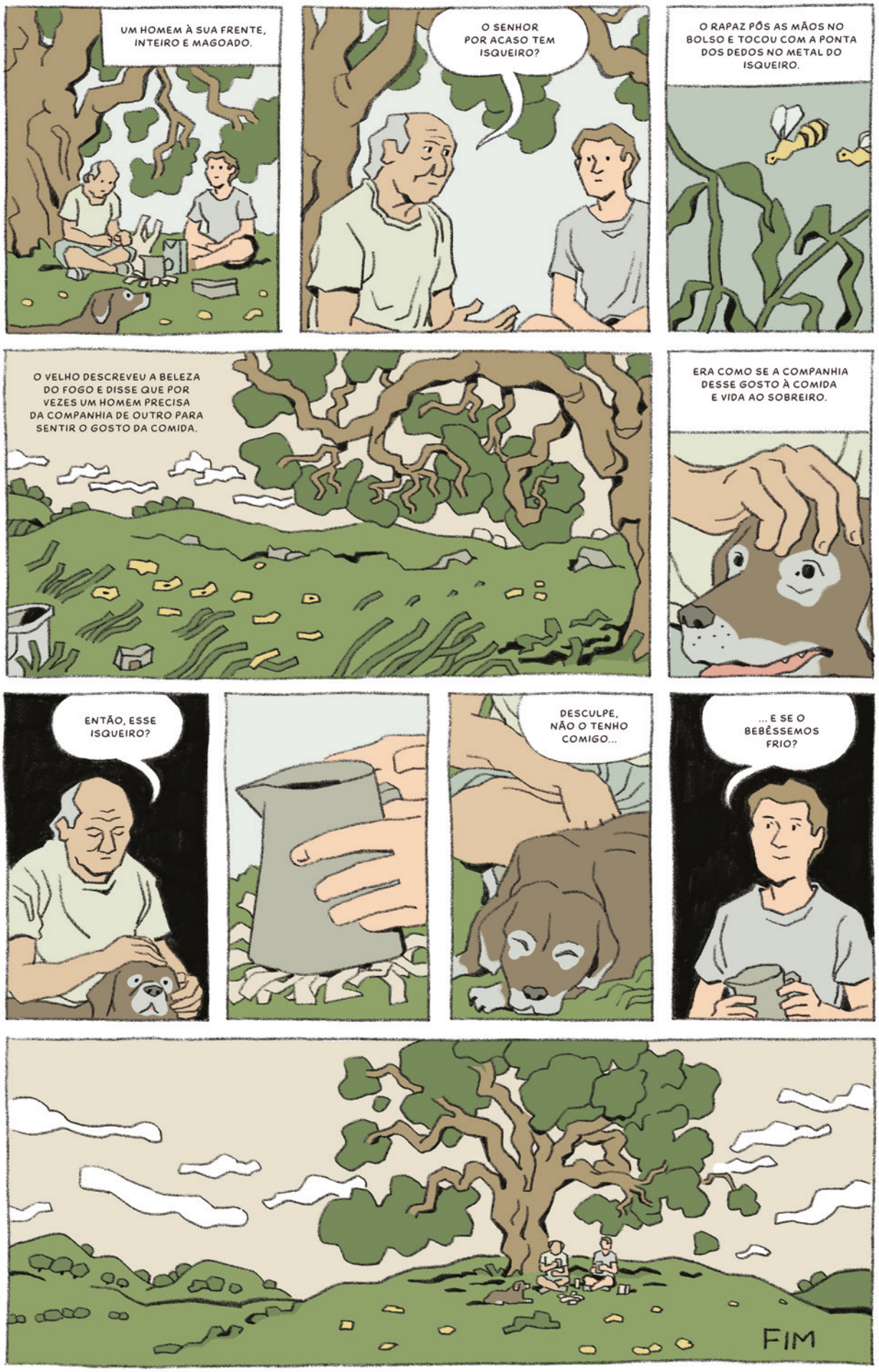

NA ALDEIA, O RAPAZ SEMPRE OUVIRA CONTAR QUE O VELHO VIVIA NUMA AUTOCARAVANA POR NÃO SER AMIGO DE GENTE.
DORMIA NUM COLCHÃO ROUBADO AO CONTENTOR E FAZIA MEL NUM BALDIO. NÃO TINHA FATO DE APICULTOR, NEM PRECISAVA: QUANDO UMA ABELHA LHE CHEGAVA O FERRÃO, RASPAVA-O DA PELE, CHUPAVA, E CONTINUAVA A FUMIGAR.
AS ABELHAS TINHAM-SE HABITUADO, AGORA NA PELE SÓ LHE BEBIAM O SUOR.
OS HABITANTES DAS REDONDEZAS NÃO GOSTAVAM QUE ELE VIVESSE NA AUTOCARAVANA. QUEIXAVAM-SE DE QUE MATARA UM GUARDA NA PRISÃO POR ALTURA DO 25 DE ABRIL.
É SÓ O VELHO FAZER FOGO, QUE NÓS DENUNCIAMOS, CORREMOS COM ELE. DE OUTRO MODO, A LEI NÃO DEIXA
A POLÍCIA DISSERA-LHES QUE O FOGO ERA MOTIVO BASTANTE...
... MAIS DO QUE A AUTOCARAVANA COM AR DE ABANDONO.


O RAPAZ TINHA VINTE ANOS, NÃO MAIS. CONHECIA O ALENTEJO DE FÉRIAS, OS PAIS TINHAM COMPRADO AÍ UMA CASA.
E DE FÉRIAS CONHECIA A VIDA, UMA PASSAGEM IDÍLICA COM MEDOS AO LONGE.
OS MEDOS AO LONGE, EM TODO O CASO, RESUMIAM-SE AGORA A UM SÓ HOMEM...
... AQUELE VELHO DEMASIADO VELHO CUJOS CRIMES OUVIRA CONTAR DESDE A INFÂNCIA.
MAS UM DIA ESQUECEU OS MEDOS, ESPREITOU PARA DENTRO DA CARAVANA E ACENOU AO VELHO
ISTO QUE AQUI TENHO NÃO É MUITO, MAS SE QUISER É SERVIDO.


NÃO É DO BOM, MAS É DO MELHOR.
É DO MELHOR E É DO BOM.
DIZEM POR AÍ QUE VOCÊ MATOU UM GUARDA
O GUARDA NÃO MATEI.
DA AUTOCARAVANA VIA-SE O SOBREIRO.
O VENTO NAS FOLHAS SECAS FEZ UMA CANÇÃO ANTIGA QUE ERA UM LAMENTO...
... UMA TRISTE MELODIA QUE APENAS OS HOMENS SABEM OUVIR NAS ÁRVORES.
ESSE NÃO MATEI


A MINHA MÃE É ESTA AQUI.
A MÃE ERA UMA MULHER DE TRINTA ANOS COM O OLHAR VAGO DAS MÃES CANSADAS.
MUITO BONITA.
O SENHOR NÃO SAI DAQUI SEM A BARRIGA QUENTE!
VAI COMIGO ATÉ AO SOBREIRO, ONDE EU COSTUMO PARAR UM POUCO
AINDA QUE VISITASSE O SOBREIRO MUITAS VEZES, PENSOU O RAPAZ...
... O VELHO NUNCA SALVARIA O AMIGO QUE EM TEMPOS ESTRANGULARA...
... NEM ESTE, ARREPENDIDO, PODERIA DESCULPAR-SE DA OFENSA.


E NUNCA AS PESSOAS DA VIZINHANÇA, CUJA MEMÓRIA VIVIA SEMPRE, PERDOARIAM O ESTRANHO VELHO QUE EM CRIANÇA FIZERA AQUILO A OUTRA CRIANÇA.
NUNCA A GENTE DESISTIRIA DE ESPERAR PELO MAIS PEQUENO SINAL DE FUMO.
AGORA JUNTO EU O MEL.
VEIO DAS MINHAS DUAS COLMEIAS, ALI ADIANTE.
FALTA-ME O ISQUEIRO!
E LOGO EU, QUE CONSIGO FAZER UM BELO FOGO E QUERIA SERVIR-LHE ALGO QUENTE, PARA ACONCHEGO.
O RAPAZ IMAGINOU O FOGO...
... A LENHA ARDENDO, O FUMO ENTRANHANDO-SE NAS FOLHAS DO SOBREIRO...
... E CHEGANDO À VISTA DAS ALDEIAS.
E ACHOU O VELHO PERFEITAMENTE HUMANO


UM HOMEM À SUA FRENTE, INTEIRO E MAGOADO.
O SENHOR POR ACASO TEM ISQUEIRO?
O RAPAZ PÔS AS MÃOS NO BOLSO E TOCOU COM A PONTA DOS DEDOS NO METAL DO ISQUEIRO.
O VELHO DESCREVEU A BELEZA DO FOGO E DISSE QUE POR VEZES UM HOMEM PRECISA DA COMPANHIA DE OUTRO PARA SENTIR O GOSTO DA COMIDA.
ERA COMO SE A COMPANHIA DESSE GOSTO À COMIDA E VIDA AO SOBREIRO.
ENTÃO, ESSE ISQUEIRO?
DESCULPE, NÃO O TENHO COMIGO...
...E SE O BEBÊSSEMOS FRIO?
FIM

Os Apanhadores de Nevoeiro

História: Joana Bértholo
Desenho: Joana Mosi

Um sobreiro como este, com mais de 200 anos, já recebeu muita luz e já deu muita sombra.

Nele brincaram várias gerações de crianças; e fizeram ninho muitas aves; serviu de casa a inúmeras espécies; e dele, a cada nove anos, se extraiu a cortiça que ajudou a sustentar uma pequena comunidade.

Esta história começa no final do século passado, quando a Raquel e o Diogo eram crianças, mas estende-se até hoje.

... que as árvores bebem através das raízes. Quando a água se infiltra no solo, adere às raízes mais finas e é através delas que....

....até às partes da árvore onde é necessária. A água é vital para a fotossíntese e para todos os processos de....

... têm memória. Quando as grades de disco cortam as raízes a vários metros do tronco, as árvores recordam-se disso e já não crescem no mesmo lugar, mas mais...

Vejam aqui, a vermelho, as raízes ocupam três vezes o diâmetro da copa. São enormes.



Excelente apresentação. Parabéns!

Têm perguntas?



Quando mexemos no solo a vários metros da árvore, podemos estar a danificá-la.



O termo "Odemira" fala-nos da importância do Mira. Como sabem, "Ode" vem do árabe "wad" que significa "rio"...

Foi também por causa do Mira que este território foi tão cobiçado pelos vários povos que aqui viveram ao longo da história.

Eu gostei muito da vossa apresentação, só me faltou isso: e a relação com o rio?



Eu tenho!

... er, é que a água é essencial à vida e os solos precisam de...

... enfim, está ligado, está muito ligado.



TRIMMMM!

Fica para TPC, pensarem nisto: a importância do Rio Mira no nosso concelho!

Bem, aquela do Rio Mira é que não estava mesmo nada à espera.

Podes crer, o trabalho era sobre o montado, não sobre rios...



Mas acho que correu bem.

P'lo menos deu-nos os parabéns!

A profe perguntou-me se eu sempre me ia candidatar em Lisboa.

E tu?

Disse claro! Quero ir para a cidade, quero sair daqui, Diogo.

Porquê? Isto tem tudo...



Oh, há mais oportunidades e há mais... sei lá... é uma cidade grande. Aqui não se passa nada.

Podíamos fazer com que passasse. Podíamos ser nós a fazer cenas, Raquel.

Tipo o quê?

Esta também 'tá desfocada. Não temos nenhuma boa da lebre.





Sabias que agora há umas máquinas que tiram fotografias que podes ver logo no computador, sem ter de pôr a revelar? São "digitais".

Oh, isso nunca vai pegar.





O Diogo enganou-se acerca da fotografia digital porque nem sempre é fácil prever o que no futuro vai mudar e o que vai permanecer.



No futuro, eles terminaram o Secundário com boas notas. A Raquel conseguiu entrar em Lisboa e o Diogo escolheu ficar em Milfontes. De início trocavam cartas, e estavam juntos nas férias.

Compraram o seu primeiro telemóvel e esgotavam logo o saldo, de tanto que se ligavam. No entanto, com o tempo, a vida de um e de outro ramificou em direcções diferentes.

Não foi só a relação deles que mudou. As terras onde brincavam, onde havia pastagens naturais e montado, foram ocupadas por estufas e enormes extensões de agricultura intensiva.

Onde havia habitats naturais ricos e complexos, a vida, na sua complexidade, ficou mais pobre. Assim como empobreceram os solos. E a água começou a escassear.

Numa coisa Raquel acertou: as câmaras digitais quase substituíram as analógicas.

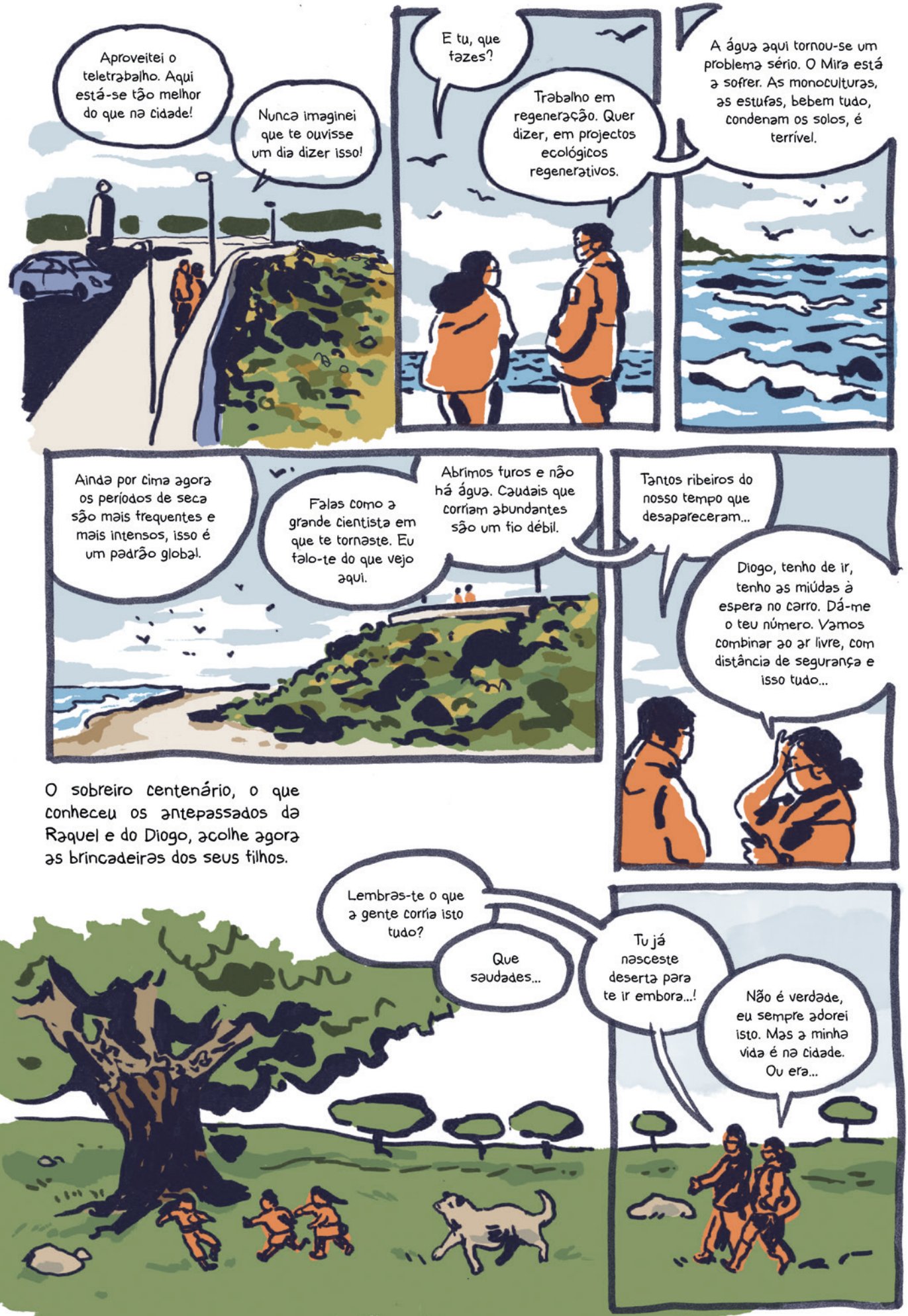


No início dos anos 20, uma pandemia abalou o mundo e suspendeu muitas actividades. O laboratório onde Raquel trabalhava fechou e ela voltou ao Concelho, para junto do pai, que tinha problemas respiratórios.

Passados anos sem qualquer contacto, e mesmo de máscara, Raquel e Diogo reconheceram-se logo.

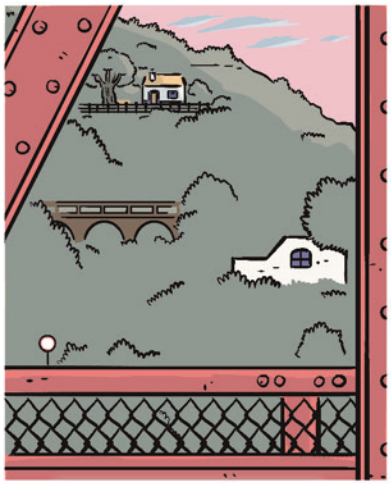


Leve o tempo que levar, o rio desagua no mar.


Aproveitei o teletrabalho. Aqui está-se tão melhor do que na cidade!
Nunca imaginei que te ouvisse um dia dizer isso!
E tu, que fazes?
Trabalho em regeneração. Quer dizer, em projectos ecológicos regenerativos.
A água aqui tornou-se um problema sério. O Mira está a sofrer. As monoculturas, as estufas, bebem tudo, condenam os solos, é terrível.
Ainda por cima agora os períodos de seca são mais frequentes e mais intensos, isso é um padrão global.
Falas como a grande cientista em que te tornaste. Eu falo-te do que vejo aqui.
Abrimos furos e não há água. Caudais que corriam abundantes são um fio débil.
Tantos ribeiros do nosso tempo que desapareceram...
Diogo, tenho de ir, tenho as miúdas à espera no carro. Dá-me o teu número. Vamos combinar ao ar livre, com distância de segurança e isso tudo...
O sobreiro centenário, o que conheceu os antepassados da Raquel e do Diogo, acolhe agora as brincadeiras dos seus filhos.
Lembras-te o que a gente corria isto tudo?
Que saudades...
Tu já nasceste deserta para te ir embora...!
Não é verdade, eu sempre adorei isto. Mas a minha vida é na cidade. Ou era...


Lembras-te daquela rima?... Aquela, não sei quê das gerações?
«Vinhas minhas; Olivais dos meus pais; Montados dos meus antepassados!»
Essa! É bem verdadeira, isto é mesmo uma terra que herdámos e que temos de cuidar para quem vem depois de nós.
Depois da pandemia voltas pa' Lisboa?
Não sei. O meu pai está a envelhecer. Quero estar perto dele. E as miúdas adoram isto...
Só as miúdas?
Eu adoro isto! Custa-me ver o domínio das culturas intensivas, os eucaliptais; e esta economia tão centrada no turismo, num território tão rico e diverso... é um desperdício.
AO AO
E preocupa-me a sério esta falta de água...
Podíamos contribuir para mudar isso tudo. Podíamos pensar num projecto juntos. Eu tenho algumas ideias...
... a falta de água ... e sabes que isto já foi feito noutros lugares blá, blá, blá...
... mesmo no deserto, blá, blá, resultados incríveis blá blá...
...podia ser também um santuário para espécies nativas blá blá blá...
...ligado ao Mira, claro, mas problematizando a barragem e tudo aquilo que a tecnologia blá blá bla...
Com o meu conhecimento no terreno e a tua formação de croma científica, podíamos mesmo contribuir para a regeneração deste território!


E o tempo passou. Os problemas do solo, da escassez de água, e da perda de biodiversidade pioraram, mas as soluções e respostas que emergiram eram cada vez mais fortes.
A Raquel e o Diogo tiveram de aprender a pensar de forma diferente, considerando que tudo está ligado, e que a nós humanos não nos compete só extrair, mas cuidar.
As gotículas da neblina condensam nesta malha metálica, caem neste tubo, e descem até àquele reservatório.
Daquele lado ali são as próprias árvores que servem de barreira e permitem que toda esta vida apareça.
Quando eu era miúda e estudava aqui na Secundária, uma professora perguntou-nos, ao Diogo e a mim, acerca da importância do Mira para este território... e nós na altura mal soubemos responder.
Eu soube, tu é que não.
Ah! Ah!
Eu também não soube. Se calhar por isso é que dedicámos o resto da vida à procura de respostas, e todos os dias verificamos a importância do rio para os ecossistemas.
Ah! Ah! Ah
O Mira e toda a sua bacia têm uma importância vital.
Somos todos, Gil.
O meu pai é caçador do nevoeiro!
Estas pessoas estão aqui para trabalhar connosco, elas também vão contribuir para a captação e distribuição de água, trazer mais árvores, mais zonas de sombra, as azinheiras e os sobreiros de volta.
Agora somos todos apanhadores de nevoeiro!
Restabelece-se a comunicação profunda entre eles, e entre todas as coisas.



DESDE QUE A MULHER MORREU, OS DIAS DO HENRIQUE LIMITAM-SE A SUCEDER UNS AOS OUTROS.







A NATUREZA DO CORAÇÃO



POUCO SAI DA SUA CASA EM ODEMIRA, NOS LIMITES DA VILA.



E QUANDO SAI, NÃO PERCEBE O MUNDO COMO ANTES O PERCEBIA.





É UM HOMEM AMARGO E DESILUDIDO.



"E NÃO É SÓ AQUI, É EM TODO O LADO."


SUPERMERCADO PAG


VIERAM HÁ UNS ANOS TRABALHAR PARA AS ESTUFAS E FICARAM.
NÃO ME LEMBRO DE SEREM ASSIM TANTOS...


TROUXERAM A FAMÍLIA.
AS CRIANÇAS VÃO À ESCOLA, ALGUMAS FALAM PORTUGUÊS MELHOR QUE A GENTE.
DE ONDE?
DA ÍNDIA.
MAS ISSO NÃO É DO OUTRO LADO DO MUNDO?


"TI HENRIQUE, O OUTRO LADO DO MUNDO JÁ FICA MUITO PERTO."


TÁS A OLHAR PRÁ ONDE, MIÚDO?

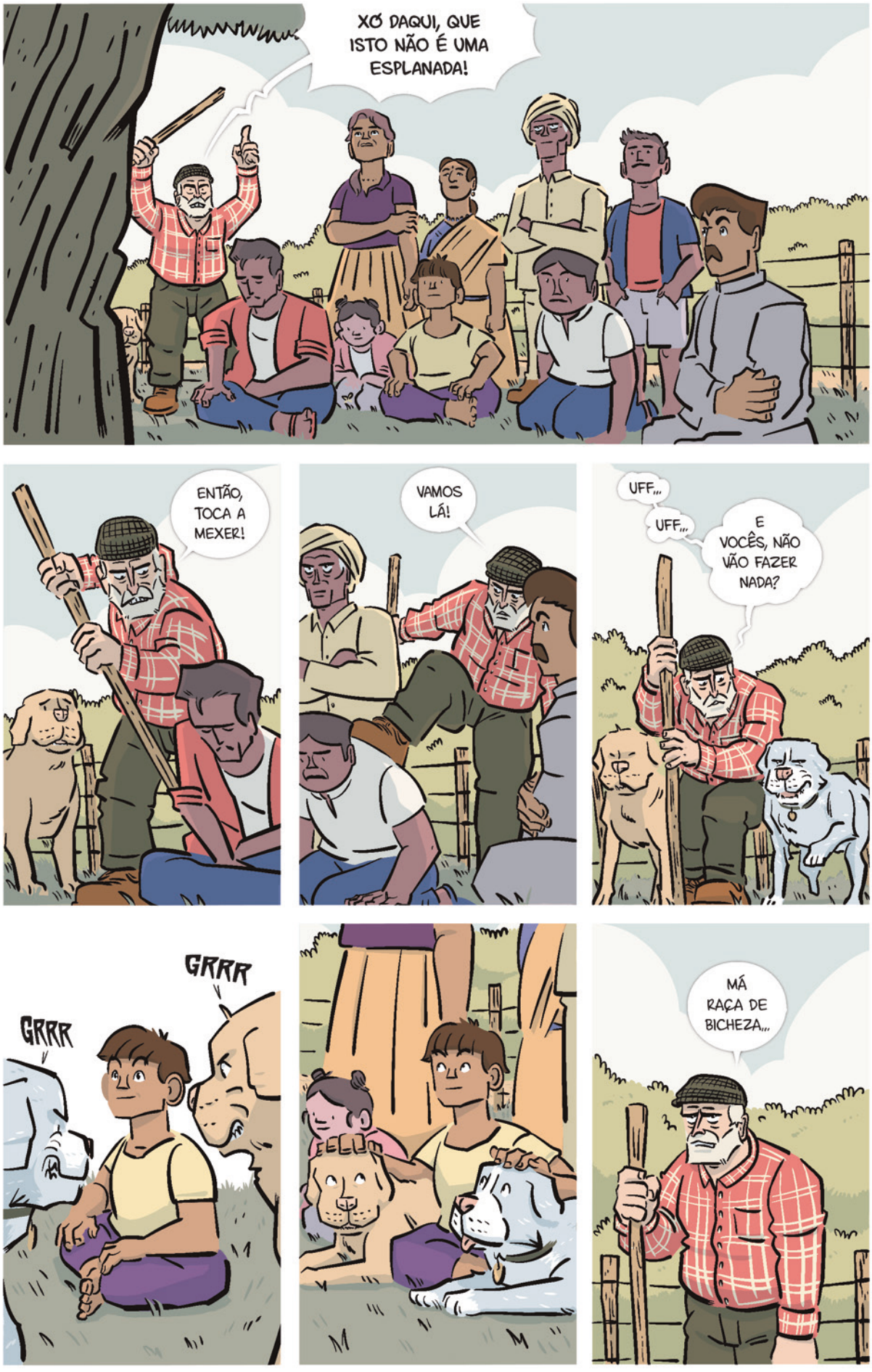

TU NÃO TENS PAIS, NÃO TENS CASA, NÃO TENS AMIGOS?


DESDE QUE NÃO TE PONHAS COM IDEIAS DE ROUBAR, FICA PARA AÍ.


SÓ ME CALHA DESTA GENTE, AINDA POR CIMA MALUCOS.




EI!
ISTO JÁ É VELHO!
JÁ NEM DÁ CORTIÇA QUE PRESTE!
ESTÁ CHEIO DE FORMIGAS!
VOLTEM PARA AS VOSSAS CASAS QUE SE ESTÁ A LEVANTAR UM VENTO DANADO E NÃO HÁ NADA PARA VER.
ANDOR!
ALGUNS DIAS DEPOIS...
ZZZ--
HMM?
O QUE ME HAVIA DE CALHAR...
COM TANTA ÁRVORE QUE HÁ PRAÍ HAVIAM LOGO DE ENGRAÇAR COM ESTA.


XÓ DAQUI, QUE ISTO NÃO É UMA ESPLANADA!
ENTÃO, TOCA A MEXER!
VAMOS LÁ!
UFF...
UFF...
E VOCÊS, NÃO VÃO FAZER NADA?
GRRR
GRRR
MÁ RAÇA DE BICHEZA...


MAIS ALGUNS DIAS DEPOIS...
...E NÃO SE MEXEM POR NADA!
OK, MALTA. VOCÊS NÃO PODEM FICAR AQUI.
GNR
SENHOR? ESTÁ A OUVIR-ME? SENHOR?
E DAR UNS TIROS PRO AR?
Ó HOMEM, A GENTE NÃO OS PERCEBE E ELES NÃO NOS ENTENDEM, MAS NÃO VAMOS COMEÇAR PRAQUI AOS TIROS POR ELES ESTAREM SENTADOS AO PÉ DA ÁRVORE.
ESTÁ BEM QUE ESTÃO NO SEU TERRENO, MAS NÃO PARECEM VIOLENTOS.
ISTO SE CALHAR É COISA PARA CHAMARMOS UMA PESSOA QUE FALE A LÍNGUA DELES E A NOSSA.
ENTÃO QUE POSSO FAZER?
OU PODE ESPERAR QUE ELES DESANDEM.
SÃO MAIS NOVOS QUE EU, PORRA.
NÃO ME PARECE CASO PARA GASTAR MUNIÇÕES, VOCÊ NEM TEM IDEIA DA PAPELADA QUE TEMOS DE PREENCHER SE --
PARA QUE É QUE VOCÊS SERVEM?



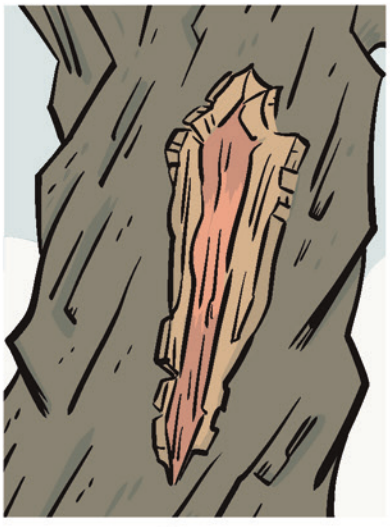






FURIOSO, HENRIQUE ATIRA-SE À ÁRVORE, CONSCIENTE DE QUE MESMO VELHO O SOBREIRO NÃO SE DEIXARÁ ABATER SEM OFERECER RESISTÊNCIA.

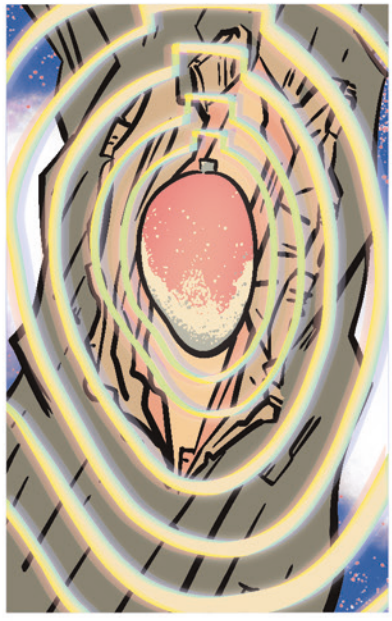




MAS...
BASTA UMA MACHADADA PARA A CORTIÇA SE ABRIR COMO UM LIVRO.



E O TRONCO TAMBÉM, REVELANDO UMA MANGA QUE PULSA COMO UM CORAÇÃO SADIO.




A GRANDE FERIDA QUE ATRAVESSARA A TERRA, TODAS AS TERRAS...
COMEÇA A FECHAR-SE.

Autores



Foto: Vitorino Coragem

Filipa Martins

Escritora

Filipa Martins nasceu em Lisboa, em 1983, e é uma premiada escritora, romancista e argumentista. Recebeu o Prémio Revelação, na categoria de Ficção, atribuído pela Associação Portuguesa de Escritores (APE), com Elogio do Passeio Público, o seu primeiro romance. Obteve ainda o Prémio Jovens Criadores do Clube Português de Artes e Ideias com Esteira. Em 2009, publicou o seu segundo romance, Quanta Terra. Em 2014, saiu pela Quetzal o seu terceiro romance, Mustang Branco, a que se seguiu, com a mesma chancela, Na Memória dos Rouxinóis (2018), Prémio Manuel de Boaventura. Recentemente, foi especialista do Plano Nacional de Leitura para a área de ficção, tendo avaliado mais de 200 obras e selecionado dezenas de títulos.



Foto: Matilde Fieschi

Joana Bértholo

Escritora

Joana Bértholo é escritora. Para além dos livros, escreve regularmente para dança e para teatro. Formou-se em Design e doutorou-se em Estudos Culturais e viveu durante muitos anos fora do país. Publica romances, contos, infantojuvenil, ensaios; e usa os diferentes géneros para explorar através da ficção as facetas da crise climática e da nossa relação com o território e o que nos rodeia.



Foto: Vitorino Coragem

Afonso Reis Cabral

Escritor

Afonso Reis Cabral (1990) é autor de quatro livros. Condensação (2005), O Meu Irmão (Prémio Leya 2014), Pão de Açúcar (Prémio José Saramago 2019) e Leva-me Contigo – Portugal e Pé pela Estrada Nacional 2 (2019). As suas obras estão publicadas em várias línguas. Contribuidor regular para diversas publicações, é colunista do Jornal de Notícias. É também presidente da Fundação Eça de Queiroz. Nos tempos livres, faz Scuba Diving e pratica boxe.

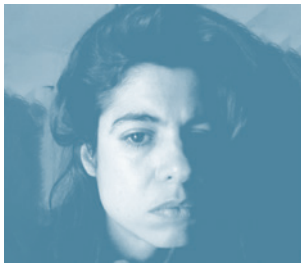


Valério Romão

Escritor

Valério Romão nasce em França em 1974. Licenciado em Filosofia pela Universidade Nova de Lisboa, tem três romances publicados (Autismo (2012), O da Joana (2013), Cair para dentro (2018), pela Abysmo), três livros de contos Facas (2013, Companhia das Ilhas), Da Família (2014, Abysmo) Dez razões para aspirar a ser gato (2015, Mariposa Azul) e duas peças de teatro A Mala (2015, Guilhotina), Irina, Macha, Olga (2016, Não Edições). É igualmente tradutor (Houellebecq, Baldwin, Bukowski) e dramaturgo e integra o projecto de spoken word mao-mao.

Autores



Patrícia Guimarães

Artista

Animadora 2D, autora de BD e docente no Curso Profissional e Técnico de Animação 2D/ 3D, na Escola Artística de Soares dos Reis, no Porto.
Ao longo do seu percurso profissional trabalhou com diversas produtoras nacionais de cinema de animação entre as quais, MODOImago, Animanostra, Animais Avpl., Sardinha em Lata, Toonelada, AIM Creative Studios e o BAP-Studio (Bando à Parte). No âmbito da banda desenhada, tem publicados STABAT MATER (2015), MANUELinútil (2016), Pêra Verde (2019), e integra ainda a antologia colectiva Nódoa Negra (2018), editada pela Chili Com Carne.
Participou em diversos fanzines como Preto no Branco, Nicotina e Your Mouth is a Guillotine. Conta com trabalho ilustrado para editoras, jornais, museus e teatros (livros, álbuns, cartazes e programas).
É ainda membro da Casa da Animação, sediada no Porto.



Bernardo Majer

Artista

Bernardo Majer nasceu em 1990, em Lisboa, e tirou a licenciatura de Design de Comunicação na Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa.
É designer e ilustrador, tendo iniciado a sua atividade como autor de BD em 2012, em obras como “Super Pig - O Impaciente Ingês”, “Toutinegra”, “Crumbs” e “Almanaque”. Lançou em 2022 a seu primeiro livro como desenhador e argumentista, “Estes Dias”, vencendo o prémio de Melhor Obra de Banda Desenhada de Autor Português do festival Amadora BD.



Joana Mosi

Artista

Joana Mosi é artista visual e autora de banda desenhada. É licenciada em Pintura pela Faculdade de Belas Artes de Lisboa, onde é atualmente doutoranda e professora, e Mestre em Cinema , na vertende de Realização, pela Escola Superior de Teatro e Cinema. Das suas obras em banda desenhada destacam-se Nem Todos os Cactos têm Picos (2017, Polvo), Both Sides Now (2020, Ao Norte), The Apartment (2022, kuš!) e O Mangusto (A Seita, 2023). Colabora regularmente com actividades e iniciativas culturais, a nível nacional e internacional. Participa activamente em festivais e conferências da área, e recentemente integrou a equipa de programação de curtas-metragens do IndieLisboa.



Ricardo Baptista

Artista

Ricardo Baptista nasceu na Ilha da Madeira em 1984. Formou-se em Medicina em 2009 mas a sua grande paixão sempre foi a banda desenhada.
Em 2017 começou a fazer bd de forma regular, tendo autopublicado uma mão cheia de fanzines até à data (Tiny Comics 1 a 5 e Planeta Satélite 1 a 3) e colaborado com projectos editoriais independentes como o portal de banda desenhada Bandas Desenhadas (Espaço Interior, webcomic, 2019-2020), o “Colectivo” Ditirambos (Ditirambos: Êxtase, 2019; Ditirambos: Abismo, 2021), a Erva Daninha Press (Regresso ao Olimpo #1, 2019), a Edições Gorila Sentado (“Hypnotopia” in Tales From Afar, 2021) e a Umbra Edições (“Weep me not dead” com argumento de Pedro Moura in Umbra #3, 2021).

Boas práticas para a regeneração do Montado de sobro

Existem diversas medidas que podem ser implementadas e que contribuem para travar a degradação do Montado, dentre as quais destacamos...

1

Para **AUMENTAR A ABSORÇÃO E A INFILTRAÇÃO DE ÁGUA**, permitindo a retenção de humidade e a proteção do solo:

- **Construir barragens ou charcas (devidamente licenciadas)** para armazenamento de água da chuva;
- **Fazer sementeira direta com culturas de cobertura** para aumentar a capacidade de infiltração de água no solo;
- **Evitar lavrar o solo** de forma a protegê-lo da erosão;
- **Cobrir o solo à volta das árvores recém-instaladas** com uma cobertura natural que pode ser orgânica (palha, resíduos vegetais, lenhas, etc.) ou inorgânica (pedras, areia, etc.) para ajudar a reduzir a evaporação da água.



3

Para **EVITAR A PROPAGAÇÃO DE DOENÇAS**, sendo as mais comuns o carvão do entrecasco e a fitóftora (esta última constitui a principal responsável pelo enfraquecimento e morte de sobreiros e azinheiras, ao atacar diretamente as raízes, embora os sintomas da doença se manifestem na copa das árvores):

- **Não fazer gradagens ou lavouras**, uma vez que danificam as raízes, fragilizando as árvores e promovendo a disseminação das doenças no solo (utilizar antes o corta-matos no controlo da vegetação);
- **Desinfetar os instrumentos de poda e descortiçamento**, evitando a dispersão da doença;
- **Desinfetar e proteger as feridas resultantes da poda** com pasta cicatrizante;
- **Podar e remover os ramos afetados** das árvores doentes (apenas no caso do carvão do entrecasco).



2

Para **MANTER A COBERTURA DO SOLO** e assim proteger o solo nos períodos de chuva, favorecendo a infiltração de água e tornando o solo mais fértil e produtivo:

- **Fazer pastoreio rotativo** para permitir a regeneração das pastagens;
- **Utilizar o corta-matos para o corte da vegetação**, evitando lavrar o solo e deixando no chão as folhas secas e outros resíduos vegetais dos sobreiros ou de outras árvores ou arbustos;
- **Deixar ficar o restolho nas áreas cultivadas e as palhas**, no caso das culturas de cereais;
- **Evitar deixar o solo nu,** sem qualquer vegetação, como acontece a seguir a uma lavoura.



4

Para **MELHORAR O SOLO**, contribuindo para aumentar a sua fertilidade e fortalecendo-o para combater eventuais doenças:

- **Fazer sementeira ou plantação de leguminosas**, pois favorecem o enriquecimento do solo em azoto (entre as leguminosas incluem-se a fava, ervilha, grão-de-bico, feijões, tremocilha, ervilhaca, luzernas, serradelas, trevos, alguns arbustos como as giestas, tojos ou piornos, ou mesmo árvores, como a alfarrobeira).

5

Para **TORNAR O SOLO MAIS RICO, FÉRTIL E EQUILIBRADO**, contribuindo para reduzir as pragas e doenças e melhorar a saúde das árvores:

• **Criar pastagens permanentes biodiversas**, pastagens que depois de semeadas, se mantém pelo menos por 5 anos mas podem durar décadas, compostas por um grande número de espécies e variedades (até 20), através de uma mistura de leguminosas (trevo, serradela, biserrula, luzernas) e gramíneas (azevém, panasco ou pé-de-galo, festuca alta, rabo-de-zorra); estas pastagens vão permitir dar aos animais uma alimentação mais rica em nutrientes e durante mais tempo.



7

Para **CONTROLAR AS PRAGAS** de insetos prejudiciais ao montado de forma natural, através do aumento da biodiversidade:

• **Criação de abrigos**, quer para insetos auxiliares, répteis e anfíbios, quer para aves e morcegos, ajudando a regular as populações de insetos prejudiciais.



6

Para **MELHORAR A PRODUTIVIDADE DO SOLO** contribuindo, simultaneamente, para a restauração de ecossistemas e para o incremento da biodiversidade:

• **Aplicar o pastoreio rotativo**: neste sistema os animais pastam em pequenas parcelas durante um curto período de tempo, ficando depois as parcelas em descanso durante um período mais alargado para permitir a recuperação da pastagem e o restabelecimento do seu potencial produtivo; este processo repete-se depois pelas restantes parcelas disponíveis.







Conceção e Produção: **Ronha-Associação Cultural** // Coordenação: **Hugo Tornelo e Rita Gonzalez** // Histórias escritas por: **Afonso Reis Cabral, Filipa Martins, Joana Bértholo, Valério Romão** // Histórias desenhadas por: **Bernardo Majer, Joana Mosi, Patrícia Guimarães, Ricardo Baptista** // Design Gráfico: **Rui Santos** // Agradecimentos: **Alice Tornelo, Filipe Silva (LIFE Montado-Adapt), María Bastidas (LIFE Montado-Adapt), Nuno Mamede Santos (TerraCrua Design), Paula Canha (AE Odemira-Clube de CiênciaViva) e Tânia Reis (Duna Parque Group)**

Data de edição: Setembro de 2024

Um projeto de: Financiado por: Apoios:

Histórias à sombra do Montado



historiasasombradomontado.pt